



A SINGULARIDADE NA ESCRITA INICIAL DE MV

Micheline Ferraz Santos¹
Carla Salati Almeida Ghirello Pires²
Nirvana Ferraz Santos Sampaio³

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados parciais da pesquisa que desenvolvemos sobre as especificidades na aquisição da escrita de uma criança com síndrome de Down, doravante (SD).

A linguagem humana apresenta uma tentativa de representação gráfica da língua falada, com essa tentativa, segundo Ohman (1974 apud Kato, 1987), o ser humano acabou compreendendo o funcionamento do sistema fonológico das línguas, assim, registrando as vogais e consoantes por meio de marcas gráficas diferentes.

A escrita é uma tentativa de representar a linguagem oral, sendo uma invenção do homem. Entretanto, não se dá de forma biunívoca, não havendo, dessa forma, uma relação transparente entre escrita e oralidade, podendo uma única letra representar vários fonemas, ou o contrário, várias letras para representar um único fonema, mostrando uma não linearidade entre fonema e letra.

Por conta de sua própria especificidade, a escrita, não registra os processos fonológicos que ocorrem na oralidade, por ser a oralidade de natureza sonora e contínua. Desta forma, podemos dizer que as trocas/substituições que ocorrem na escrita das crianças em fase de aquisição da escrita, sejam de ordem fonética-fonológica, registram os processos fonológicos existentes na sua língua. Assim, a criança pode, também, registrar

1 Mestranda no programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Possui Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Português, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Atualmente é professora na Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista e na Secretaria de Educação da Bahia - NRE 20. Endereço eletrônico: micfsantos@hotmail.com

2 Doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da UESB. Endereço eletrônico: carlaghipires@hotmail.com

3 Doutora em Linguística. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Orientadora da Pesquisa. Endereço eletrônico: nirvanafs@terra.com.br



de forma gráfica todos os fonemas que ela perceba no sistema fonológico, por ser ela falante de uma língua.

A síndrome de Down foi descrita em 1866 por John Langdon Down, essa alteração genética afeta o desenvolvimento do indivíduo, determinando algumas características físicas e cognitivas, a SD é uma alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais, o par 21, por isso também conhecida como trissomia 21. Para que a pessoa com SD possa ter um pleno desenvolvimento enquanto sujeito, é necessário olhar para as especificidades da sua condição (contemplando similaridades e particularidades de cada caso). Dessa forma, é necessário a estimulação precoce, o acompanhamento com uma equipe multidisciplinar formada por profissionais das áreas de fisioterapia, fonoaudiologia, de terapia ocupacional; é necessário, também, atividades como hidroterapia, musicoterapia, entre outras.

Consideramos relevante, também, orientações e intervenções específicas para as crianças com SD no que diz respeito à aquisição da linguagem oral e escrita, visto que a linguagem, sistema simbólico, fornece os conceitos e as formas de organização do real, via mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento (Cf. Vygotsky, 1997), levando em conta o fato que crianças com SD apresentam dificuldades motoras e cognitivas.

METODOLOGIA

Esta fase da pesquisa tem natureza qualitativa de orientação sócio-histórica que considera a inter-relação do funcionamento mental humano com os contextos sociais, permitindo a compreensão de uma realidade a partir de interpretações das produções textuais de MV, criança com SD, 13 anos, estudante do 5º Ano do ensino fundamental, escola pública municipal, que frequenta o Laboratório de pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e que se encontra no processo inicial de escrita. Esta pesquisa faz parte de um projeto maior sobre a linguagem de sujeitos com síndrome de Down e o papel do mediador, aprovado pelo comitê de ética com número CAAE 29933144.7000.0055 desenvolvido neste laboratório.

A coleta de dados é feita longitudinalmente no LAPEN e nela são realizadas atividades sistematizadas de contação e leitura de histórias da literatura clássica infantil, canto e leitura de cantigas de roda e outras músicas infantis, jogos diversos e produção textual a partir das temáticas envolvidas nessas atividades. Neste recorte, apresentaremos



uma parte do livro que está sendo produzido por MV.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de aquisição da leitura e da escrita é muito complexo, mesmo para crianças que não tem queixas de dificuldades escolares. Conforme Silva e Ghirello- Pires (2007), as crianças, geralmente, constroem muitas hipóteses sobre a escrita, o que, às vezes, são tomadas como “erro” da criança pela escola, e, conseqüentemente, torna-se fonte de rotulações para as crianças que ainda estão adquirindo o sistema ortográfico. Dessa forma, uma criança com SD, também, pode realizar suas hipóteses, o que é considerado natural em todos os indivíduos, até mesmo adultos não alfabetizados. Entretanto, não discordamos que existe um atraso de aquisição da linguagem no sujeito com SD, o que reforçamos aqui é a necessidade de mediação constante no processo de apropriação do sistema de escrita para essas crianças. Vejamos, a seguir, dados relativos à escrita de MV:

No início do acompanhamento, MV escrevia o nome dela, não elaborava, na escrita sintagmas, e, conseqüentemente, não escrevia sentenças. Em 2016, após contar, recontar e ler a história “Branca de Neve”, juntamente com MV, propomos atividade de escrita em dois momentos, quais sejam: sem o uso das letras de madeira e com o uso das letras de madeira. A escolha da história não foi aleatória, queríamos verificar a escrita de palavras com *cluster* consonantal (encontro consonantal CCV), por exemplo “Branca” e “príncipe”. MV, escreve “BACA”, “PICIPE” “PICECA”, conforme figura 1, abaixo, fazendo, dessa forma, o apagamento do encontro consonantal, estratégia utilizada para evitar a sílaba CCV, para nós, um indício de que ela ainda está presa a estrutura silábica Consoante-Vogal (CV). Verifiquem que, após momentos de mediação com o uso de letras de madeira, MV produz “BRCA”, o que nos dá a pista de que há um início da aquisição desse padrão silábico na sua escrita.

Produção 1. BECA, BACA, PICIPE, PICESA e BRCA



<p>22/08/2016 Maria Vitória</p> <p>BECA</p> <p>BECA GU DE NEVE</p> <p>BACA DE NEVE</p> <p>PICIPE</p> <p>PICECA</p> <p>BRCA</p> <p>Antes de montar com as letras de madeira Depois de montar com as letras de madeira</p>	<p>Transcrição:</p> <p>(mediador) 22/08/2016</p> <p>Maria Vitória</p> <p>BECA</p> <p>BECA GU DE NEVE</p> <p>BACA DE NEVE</p> <p>PICIPE</p> <p>PICECA</p> <p>(mediador)</p> <p>Antes de montar com a letras de madeira</p> <p>Depois de montar com as letras de madeira</p> <p>BRCA</p>
--	--

Fonte: Banco de dados do LAPEN

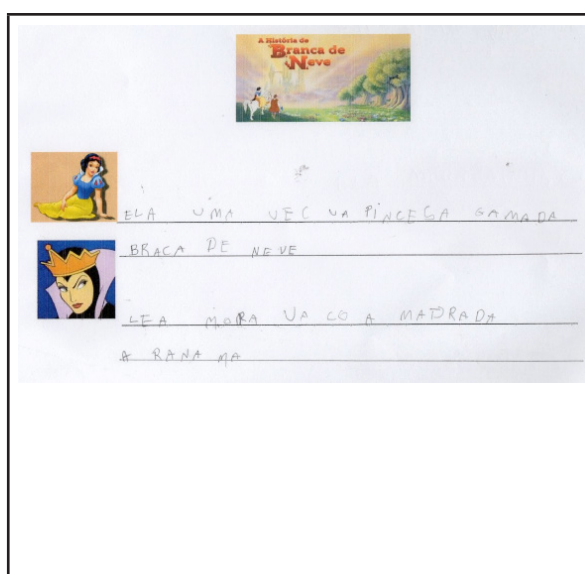



Verificamos que a diferença que ocorre no processo em que está MV se relaciona muito mais pela faixa etária em que se encontra, visto que, na oralidade, a aquisição da sílaba complexa ocorre por volta dos cinco anos e, na escrita, o letrado, com a idade atual de MV, já domina a ortografia desse padrão sílaba (CCV). Segundo Freitas (2004), a concepção de consciência fonológica é a habilidade do ser humano de refletir conscientemente sobre os sons da fala. Essa autora considera que há três tipos de estudos: (i) estudos que dizem que, no processo de aquisição da escrita, a criança precisa dominar a correspondência fonema-grafema para poder obter sentido em suas produções escritas; (ii) estudos que mostram que a aquisição da escrita é que desenvolve a consciência fonológica e (iii) estudos que afirmam que tanto a consciência fonológica quanto a aquisição da escrita ocorrem simultaneamente. Entretanto, o que consideramos relevante é que a criança com a SD, ainda que tardiamente, consegue se apropriar do sistema de escrita, pois suas dificuldades podem ser superadas através da mediação exercida em suas atividades.

Em seguida, apresentamos dados relativos a produção textual de MV em 2017, a



temática é a mesma, observamos o desenvolvimento positivo em sua escrita, apesar de ainda haver instabilidades.

Produção 2. ELA UMA ..., PINCESA, BRACA DE NEVE, MADRADA

 <p>   ELA UMA VEC VA PINCESA GAMADA  BRACA DE NEVE LEA MORA VA CO A MADRADA A RANA MA </p>	<p>Transcrição:</p> <p>ELA UMA VEC MA PINCESA GAMADA</p> <p>BRACA DE NEVE</p> <p>LEA MORA VA CO A MADRADA</p> <p>A RANA MA</p>
--	--

Fonte: Banco de dados do LAPEN

Na produção 2, observamos o que poderia ser chamado de erros ortográficos que faz parte do processo atual que MV se encontra diante da escrita. Entre outros dados de escrita, MV realiza substituições e hipersegmentação, por exemplo, em “ELA” para *ERA*, MV faz uma substituição de uma líquida por outra líquida, ambas alveolares. MV segmenta a forma verbal *MORAVA*, como “MORA VA”, tal como ocorre tipicamente na escrita de crianças do 1º. e 2º. anos do ensino fundamental. Em se tratando da sílaba complexa, MV apresenta nas palavras “BRACA” e “MADRADA”, respectivamente, a eliminação do traço nasal e apagamento da fricativa final S, no final da sílaba CCVC, mas observamos a utilização do CCV que não ocorre em PICESA.

CONCLUSÃO

Consideramos aqui a necessidade de aprofundamento no que se refere ao sistema linguístico e ao seu funcionamento, bem como ao que se refere a aquisição da linguagem para a realização de intervenções na aquisição da escrita de crianças com SD. Consideramos,



ainda, que uma visão leiga pode conduzir a interpretação dos indícios da escrita de MV, como exemplo, a uma visão que predomina a concepção de que crianças com SD não podem avançar, em virtude de suas condições orgânicas, gerando, dessa forma, inúmeros mitos e preconceitos em torno da educação dos sujeitos com essa síndrome.

Dessa forma, acreditamos que crianças com síndrome de Down passam pelos mesmos processos de aquisição que as crianças que não apresentam a síndrome. Nesse sentido, pode-se afirmar que a condição da síndrome não anula a possibilidade de aprendizagem e reflexão, bem como a de agir discursivamente não só nas situações do contexto escolar, as substituições, as hipercorreções, as omissões, entre outros dados que ocorrem na escrita de MV, podem ser consideradas como construções intermediárias (Cf. Santos e Sampaio, 2016).

Palavras-chave: Aquisição da escrita. Sílabas. Mediação.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Gabriela C. Menezes. Sobre a consciência Fonológica. In: LAMPRECHT, Regina R. Aquisição Fonológica do Português. São Paulo: Artmed, 2004.

KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita: Uma Perspectiva Psicolinguística**. 2ed. São Paulo: Ática, 1987.

SANTOS, M. F.; SAMPAIO, N. F. S. Aquisição da Escrita por crianças com síndrome de Down e Construções Intermediárias. In: **XXIV Jornada Nacional de Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, 2016, Recife/PE. XXVI Jornada do Grupo de estudos Linguísticos do Nordeste, 2016.

SILVA, T. R. S. e GHIRELLO-PIRES, C.S. A. O processo de aquisição da escrita de crianças com síndrome de Down. In: **V EPCC CESUMAR**, Maringá /PR. 2007.

VYGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia**. Obras Escogidas. Tomo V. Madrid. Visor Dist. 1997.